



Proletários de todos os países: uni-vos!



AVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.P.C.)

Salud, Heroico Povo Espanhol!

Ao povo espanhol que heroicamente luta contra os exércitos de invasão, o Partido Comunista dirige no limiar do 3º ano de guerra uma saudação que é a de todo povo português. O P. C. proclama de novo e de uma maneira veemente a necessidade de ajudar o povo de Espanha na sua luta sobrehumana pela Independência Nacional e pela Liberdade. O povo português amigo e irmão saberá pelo seu esforço unanime ajudar o glorioso povo espanhol a vencer as forças conjugadas do Fascismo Internacional. Para a frente pois pela vitória do povo espanhol, que será a vitória de toda a Humanidade Progressiva !

Avante !

O órgão central do Partido Comunista, o « AVANTE » — jornal querido de todo o povo português — reaparece retomando, na luta pela defesa dos seus interesses e contra o fascismo em geral o lugar de destaque que desde há anos com uma persistência e abnegação admiráveis, sempre aí ocupou.

Quando, há, meses, a polícia de informações capturou varios membros do nosso partido entre os quais os nossos queridos camaradas Alberto de Araujo, Carlos Matoso e outros e aprendeu as tipografias onde se imprimia o AVANTE, o fascismo, inebriado por esse triunfo passageiro, cantou victoria, anunciando o aniquilamento do Partido Comunista.

O Partido Comunista português não precisou, porém, de muito tempo, para desmentir as estultas pretensões do fascismo, demonstrando com factos palpáveis a sua inextinguível vitalidade.

Tres pontos entre outros o provam :

1ª A reaparição do « Avante ».

2ª A evasão da cadeia do Aljube, dum dos militantes comunistas mais ferocemente perseguido pela policia — o camarada Paula de Oliveira (Pavel) — evasão essa organizada e levada a efeito pelo Partido Comunista.

3ª A actividade desenvolvida em todo o país para a organização das massas trabalhadoras e defesa dos seus interesses.

O fascismo não aniquilou nem aniquilará jamais o Partido Comunista.

Para esmagar o Partido Comunista era necessario esmagar o povo português, de que ele é a essencia.

Mas por muito odio que o fascismo tenha ao povo português, o fascismo não o conseguirá aniquilar. Mata sim, assassina covarde e monstruosamente alguns dos seus melhores filhos, mas o fascismo é impotente para destruir no seu conjunto o povo da nossa querida terra. O povo não será esmagado pelo fascismo, o fascismo será esmagado pelo povo.

(Continua na pagina 9)

Dois anos de sublime epopeia

Dois anos de guerra !

Eis já dois anos que na Espanha mar-tir, trôa, sem des-ano, o canhão, arrazando cidades e aldeias, destruindo as mais elevadas produções da arte e da técnica, ceifando centenas e centenas de milhares de vidas humanas !

Dois anos, de sacrificios sem par, em que o povo espanhol tem escrito uma das mais belas epopeias de quantas a História humana conhece.

Manietado, por aqueles que só perderiam com a sua derrota, desprovido dos mais necessários meios de defesa, sujeito às mais duras privações, o povo espanhol tem sabido enfrentar com uma bravura inextinguível, exércitos fortemente equipados, de imperialismos tão terroristas e agressivos como o alemão e italiano.

Estes sacrificios tão grandiosos, fâ-lo o povo espanhol porque, tendo como poucos o sentimento da independência e da liberdade, não quer a sua Nação que foi berço dum Cervantes e dum Gola, seja amanhã a colônia submissa, do maior inimigo do género humano : o monstruoso fascismo.

O povo espanhol não quer ser escravo, por isso luta com um heroismo épico que causa assombro, preferindo, como disse uma mulher — Passionária — que é a voz e a expressão viva da Espanha, « Morrer de pé a viver de joelhos ».

O povo espanhol luta, por que quer que a sua Pátria seja livre seguindo a tradição gloriosa de humanismo que lhe legaram os seus antepassados.

Mas o povo espanhol não luta apenas por si.

Defendendo-se, o povo espanhol defende a Humanidade.

Que seria, a estas horas, do mundo, se a Alemanha e a Itália tivessem conquistado a Espanha ?

A « Grande Alemanha » forte e poderosa tendo a seus pés a Espanha e a seu

lado, a aliada Itália, senhora do Mediterrâneo, teria desengadeado já a guerra contra a França. Guerra que visa, no fim de contas, a conquista da Espanha.

A « Grande Alemanha », que já conquistou a Austria, teria conquistado a Checoslováquia e Portugal, se o povo espanhol, em vez de resistir heroicamente se submetesse.

Quiz a História que ao povo espanhol coubesse a missão gloriosa de, defendendo-se defender a Paz, a Liberdade e a Independência dos povos.

E essa missão, cumpre-a este povo glorioso, sublime no seu heroismo e no seu martirio, arrostando com sacrificios quasi sobre-humanos, passando provações quasi inacreditáveis.

Poderá a Humanidade consentir que o povo espanhol verta o seu sangue até à última gota ?

Não, os povos de todo o mundo trariam a sua própria causa se não cumprissem para com o povo espanhol as obrigações que contrairam perante ele.

Não, as massas anti-fascistas de todo o mundo não deixarão o fascismo esmagar o povo espanhol.

A maior homenagem que podemos prestar ao povo irmão, neste 2º aniversário da guerra, consiste em juntarmos todos os esforços para o ajudar a vencer o fascismo salvaguardando, assim, a Independência do nosso país, a Paz e a Liberdade !

Graças ao seu heroismo de epopeia e ao apoio do proletariado mundial, o povo espanhol triunfará ! O fascismo será esmagado !

Viva o heroico povo espanhol !
 Viva o governo de União Nacional da República Espanhola !

Viva o glorioso Partido Comunista de Espanha organizador e animador da Frente Popular anti-fascista !

Espanha campo de batalha do fascismo contra a paz do mundo e a independência dos povos

QUEM ORGANIZOU E COMEÇOU A GUERRA EM ESPANHA ?

A guerra de Espanha — nunca é de mais repeti-lo — foi organizada e começada por Franco e Cia ao serviço da Alemanha e da Itália.

Foi Franco e Cia que na noite de 17 para 18 de Julho de 1936, se levantou em armas contra o governo da República, dando, assim, começo a esta guerra que ensanguenta o solo da Espanha reduzindo a escombros, as suas cidades e aldeias, os seus monumentos, as suas universidades e escolas.

Que causas profundas levaram Franco e Cia a cometerem tão monstruoso e abominável crime — que motivos os impulsionaram a tornarem-se os tipos mais acabados de traidores repugnantes à sua Patria ?

Vejamo-lo rapidamente :

Há muito tempo que em Espanha se degladiavam duas forças poderosas : dum lado as forças da reacção constituídas pelos grandes proprietários feudais, o alto capital financeiro, a nobreza e castas parasitárias. Do outro lado as forças do progresso, constituídas pelo povo trabalhador e a pequena burguesia liberal.

O povo conseguiu por duas vezes, por métodos legais (por meio das eleições) sobrepor-se à tirania e ao arbítrio das forças da reacção.

Foi uma em 14 de Abril de 1931, em que foi proclamada a República, outra em 16 de Fevereiro de 1936, em que a Frente Popular obteve uma magnífica vitória sobre o bloco da reacção.

Particularmente, depois da vitória eleitoral da Frente Popular, em 16 de Fevereiro de 1936, a República começou a pôr em prática uma série de medidas de alto interesse para a população laboriosa : distribuição de terras pelos camponeses (só de Fevereiro a Julho de 1936 foram destruídos pelos camponeses 712.000 hectares de terra) ; readmissão e indemnização dos operários despedidos pelos patrões durante o período em que Gil Robles esteve no poder ; promulgação da amnistia, abertura de escolas, legalização dos Partidos e organizações operárias, etc.

A reacção vendo uma parte dos seus interesses em jogo não vacilou : organizou-se para a guerra civil e como não confiava demasiado nas suas forças pediu auxílio a Mussolini.

Para esse fim teve lugar na Itália, em 1934 uma conferência entre Mussolini e varios chefes reaccionários espanhóis na qual o chefe do governo italiano se comprometeu a auxiliar por todos os meios os partidos da opposição a derrubarem o regime republicano. Na qualidade de auxílio imediato Mussolini forneceu então : 200.000 granadas de mão, 200 metralhadoras e 1 milhão e meio de pesetas.

Mussolini cumpriu — já se vê por interesse próprio — as suas promessas e logo desde o principio da sublevação dos generais traidores a Itália e a Alemanha prestaram a Franco o auxílio de que ele carecia.

A INTERVENÇÃO FASCISTA

Em vão, a imprensa fascista portuguesa, com um cinismo desigual, chama à guerra de Espanha, a « guerra hispano-

soviética ». Em vão se pretende fazer crer que a guerra de Espanha é a luta dos chamados « nacionalistas » espanhóis pela « defesa da Civilização cristã » e atoardas semelhantes.

Hoje ninguém tem dúvidas acerca das forças que se batem em Espanha e quais os objectivos que visam. Dum lado está o povo espanhol, unido como só homem, em volta do governo da União Nacional, batendo-se pela Independência da Espanha, pela sua liberdade.

Doutro lado estão exércitos regulares da Itália e da Alemanha, que levam a efeito uma guerra de rapina e de conquista de posições estratégicas para o desencadeamento duma futura guerra pela hegemonia do mundo.

É a própria Itália que o confessa, pela boca de Mussolini, e da imprensa fascista.

Quando da queda de Santander, Mussolini, como se sabe, disse numa carta que escreveu a Franco :

« Sinto-me particularmente feliz por tropas italianas terem dado durante dez dias de dura batalha uma contribuição poderosa para a esplendida vitória de Santander. »

« A Itália — disse ainda Mussolini — está orgulhosa de ter combatido em Terra espanhola. »

Mas as declarações, a pesar do seu valor documental, não eram necessárias, para que se soubesse que a Alemanha e a Itália movem a guerra na Península contra o povo espanhol.

Os bombardeamentos navais de Almeria, a destruição de Guarnica, de Durango, a conquista de Malaga, de Santander, de Bilbao, o grande número de italianos e alemães feitos prisioneiros, entre os quais bastantes técnicos etc, falam por si bastantes alto.

OS OBJECTIVOS DA INTERVENÇÃO FASCISTA

Que objectivos visa a intervenção do fascismo italo-alemão em Espanha ?

A « defesa da civilização cristã » ?

A vontade de auxiliar generosamente os proprietários feudais da Espanha a defenderem os seus interesses, à custa de milhares de vidas dos soldados italianos e alemães ?

Claro está que não !

Nem a Itália, nem a Alemanha pressas de tremendas dificuldades económicas, se meteriam em empresas guerreiras, dum tal envergadura, movidas, por fins meramente idealistas ou filantrópicos.

Os objectivos da intervenção fascista não são, nem podiam ser outros do que objectivos imperialistas. Hitler afirmou publicamente que as necessidades para a Alemanha das minas de ferro da Biscia estavam acima de todas as preocupações.

O general Reichenau, oficial do Estado Maior alemão, disse num Relatório, que fez sobre a guerra de Espanha :

« O resultado do conflito em Espanha interessa ao povo alemão duma maneira vital. »

« Para uma preparação de guerra conscienciosa e sistemática é necessário introduzirmo-nos no seio do adversário, nas suas linhas de comunicação marítimas e terrestres, vias comerciais, numa palavra, em toda a parte em que ele disponha

de forças com as quais se deva contar em caso de hostilidades. »

« Nós estabelecemo-nos já sobre as linhas estratégicas vitais da França e da Inglaterra. É aqui que reside a significação suprema da nossa intervenção em Espanha. »

Mussolini cuja ambição fundamental consiste em restabelecer o Império romano, não declarou já que o Mediterraneo « é um lago italiano » ?

Ainda há pouco tempo um autorizado jornal italiano afirmou que « Majorca era a fortaleza das agulhas fascistas ». »

PORTUGAL

OBJECTIVO DAS AMBICÇÕES ALEMÃS

As ambições alemãs não se limitam, porém, à Espanha. A Alemanha quer Portugal e as colónias portuguesas. E se Portugal mantém ainda a sua Independência é porque a resistência heroica do povo espanhol tem impedido o imperialismo alemão de pôr em prática os seus criminosos intentos.

É ainda o general Reichenau que expõe o plano, de resto já conhecido, das ambições alemãs sobre o nosso país :

« Este país com os seus 800 quilómetros de costa sobre o Atlantico tem para a França como para a Inglaterra o mais alto interesse em vista da necessidade de desviar o trafico marítimo em caso de interrupção da via do Mediterraneo. »

« É indispensável, tendo em vista a via marítima francesa do Atlantico assim como a via inglesa do Cabo e do bloquo a distancia do Mediterraneo, penetrarmos nos pontos mais sensíveis deste plano como o objectivo de o entrar e finalmente de o destruir. »

« Mas se nós queremos fazer com exito uma contra-manobra devemos apoderar-nos de Portugal. »

« As simpatias portuguesas pela Alemanha acentuaram-se consideravelmente. Parece, pois, termos aí bastantes pontos de apoio que nos permitirão agir no sentido desejado. »

« O senhor Salazar manifesta simpatia por todo o movimento nacionalista. Nós podemos pois atrai-lo para o nosso lado. »

« Podemos ainda criar pontos de apoio no exercito português. »

« Depois da vitória o general Franco disporá dum Exército potente. Este Exército pôde, em caso de necessidade, impôr em Portugal o regime que nos seja mais favorável. »

« O dinamismo da revolução nacional espanhola, depois da vitória do general Franco, seria de tal natureza que não se deteria, por certo, na fronteira portuguesa. »

« Todas estas tendencias, estas correntes, estas acções que nós acabamos de indicar mostram que em fim de contas Portugal deve cair sob a nossa influencia e tornar-se o nosso ponto de apoio. »

(Continua na página 3)

É impossível lutar contra uma povo que não quer ser vencido.

Os bombardeamentos das nossas cidades de retaguarda não desmoralizam a a vontade de resistencia do Povo Espanhol.

Général MIAJA.

Espanha campo de batalha do fascismo

(Continuação da página 2)

A INTERVENÇÃO DO FASCISMO PORTUGUÊS

Não é necessário ser-se muito versado em política internacional para se chegar à conclusão de que a vitória do fascismo em Espanha significaria a perda da nossa Independência nacional. Contudo, Salazar e a sua gente — que não ignoram sequer as ambições da Alemanha sobre o nosso país — não deixaram nunca de apoiar os intervencionistas e de participar mesmo, activamente no massacre do povo espanhol que tão heroica resistência opôs aos invasores da Península.

A insurreição militar, foi organizada em Portugal, por Sanjurjo e quejandos, de conclusão com as autoridades fascistas portuguesas.

E de 18 de Julho de 1936 até aos nossos dias a acção do fascismo português contra o povo espanhol, jamais cessou. Nos primeiros tempos da guerra, o nosso país representou o papel de quartel general dos rebeldes. Aqui tinham conferências os chefes insurrectos. Pelo nosso país se estabeleciam as comunicações telefónicas e de rádio; as tropas do Sul ligavam-se às tropas do Norte, passando pelo nosso território. Pelo nosso país passaram os primeiros armamentos vindos da Alemanha. No nosso país se abasteciam de provisões e combustíveis. Em Portugal, receberam os créditos necessários. No nosso país se estabeleceram agências de recrutamento para os fascistas. O governo de Salazar entregou a Franco numerosos espanhóis e portugueses para serem fuzilados, etc.

Na actualidade contam-se por milhares o numero de portugueses que combatem nas hostes de Franco e para aí enviados por Salazar e seus agentes.

Ao mesmo tempo, Portugal tornou-se o laçao servil da Alemanha e da Italia, representando, no Comité de Londres e em Genebra, o triste papel de comparsa da politica externa daqueles paises.

AS CONSEQUENCIAS IMEDIATAS DA INTERVENÇÃO

As primeiras consequências da intervenção do fascismo português em Espanha pesam (já) extraordinariamente sobre os ombros do povo português:

O custo da vida subiu de 1936 até hoje, de cerca de 40 %.

Os principais produtos da alimentação escassearam:

Por motivo, em grande parte, do seu envio para Espanha, faltou o trigo, sendo, actualmente, o povo português, obrigado a comer pão de mistura, com razão chamado o pão de lixo. A Industria portuguesa de cortiças e outras são atingidas pela crise por motivo da protecção prestada por Salazar aos industriais espanhóis, permitindo a entrada de cortiça, nosso país, sem pagamento de direitos, que depois é vendida a preços inferiores, prejudicando os produtos portugueses.

Os métodos ferozes de repressão fascista foram reforçados duma maneira considerável: criação da Legião Portuguesa, instrumento de guerra civil e de provocação; mobilização dos pescadores, tentativa do estabelecimento da pena de morte, etc.

Finalmente, o nosso país tornou-se o

campo de manobras dos agentes hitlerianos, uma espécie de colónia da Alemanha, onde os alemães fazem o que querem.

As colónias por sua vez, estão já em grande parte (Angola) economicamente nas mãos de Hitler, que se prepara activamente para se apoderar delas em definitivo.

O QUE REPRESENTARIA PARA PORTUGAL A VICTORIA DO FASCISMO

Pelo facto da sua intervenção em Espanha, o fascismo português impôs já ao nosso povo, bem dolorosos sacrificios. Todavia esses, sacrificios nada são, comparados com os que sofreríamos se a guerra de Espanha terminasse pela vitória do fascismo.

Se pudesse obter essa vitória, o fascismo alemão e italiano não pararia, as fronteiras do nosso país que, sendo tão importantes, pelas suas riquezas e esplendidas posições estratégicas, é ao, mesmo tempo, extremamente fraco, sob o ponto de vista militar.

Mas, mesmo que não se tratasse da invasão italo-alemão e simplesmente da vitória da reacção espanhola, incarnada em Franco, o perigo não seria menor.

As classes dominantes de Castela constituiriam sempre, através da história do nosso país, o seu inimigo externo mais fidalgo.

Bastam vezes, desde que somos nação independentes, nós tivemos que pegar em armas para defender a integridade territorial da nossa Pátria, ameaçada pela nobreza de Castela. Durante 60 anos suportamos o Jugo odioso dos Filipinos.

A vitória de Franco, se ele não fosse, como é, um simples fantoche nas mãos de Hitler, colocaria de novo para nós esse importante problema — o problema da anexação de Portugal à Espanha.

No ano passado, por ocasião da festa da Raça, na Praça Maior de Salamanca, diante de Franco e encorajado pelos seus aplausos, algum disse:

« Reconstituiremos o Império dos Filipinos e Barcelona e Lisboa cairão de joelhos a nossos pés ».

Se o fascismo triunfasse Portugal não seria apenas uma nova Austria, onde as sanguinárias feras hitlerianas, procurariam cevar as suas incontinentes ambições. Portugal, não seria apenas esbulhado das colónias e ele próprio transformado em colónia. Portugal, seria um dos campos de batalha da guerra que o fascismo prepara, Portugal, à semelhança da Espanha, seria ensofado em sangue, reduzido a montões de escombros e de cinzas, os seus lindos vergeis transformarem-se-iam em lígubres cemitérios.

A escravidão e a morte eis o que nos esperaria se as hordas negras do fascismo vencessem.

Pelo contrário, o triunfo do povo espanhol, vibrará um golpe mortal nos desígnios criminosos do fascismo.

A Republica Espanhola, com o seu forte exercito popular será um factor de Paz

de primeira ordem. A sua vizinhança constituirá, para nós, a maior garantia da nossa segurança e independencia.

Ajudar o povo espanhol a triunfar não é, portanto, apenas um dever do Humanidade e de Justiça, ajudar o povo espanhol a triunfar é assegurar o triunfo da Paz, da Liberdade e da Independencia dos povos.

SALVEMOS PORTUGAL UNAMO-NOS !

Acabar a intervenção do fascismo português em Espanha expulsando do poder os responsáveis da criminosa politica de traição nacional, eis a tarefa que se impõe ao povo português, para ajudar os seus irmãos espanhóis e para assegurar a Independencia da nossa pátria. Mas, para levar a efeito uma acção de tal envergadura, é indispensavel que toda a Nação portuguesa, se una, como um só homem, contra a anti-Nação simbolizada e expressa em Salazar e seus cúmplices.

O povo português, na sua maioria, partilha a ideia e está animado do mesmo sentimento de defeza do território e da Independencia Nacional.

Monárquicos e comunistas, operários e camponeses, pequena e média burguesia, intelectuais e grande parte do Exército, ardem no mesmo desejo patriótico de não querer submeter-se à pata da dominação estrangeira.

Compete pois, a todas as camadas do povo português, verdadeiramente amantes da sua terra, unirem-se em volta do mesmo sagrado objectivo de defeza da Independencia nacional, exigirem a immediata cessação da Intervenção em Espanha e o derrubamento de Salazar, traidor repugnante à Pátria portuguesa, ao serviço de Hitler e Mussolini.

Portugueses:

Unidos como um só homem lutemos: Pela cessação da Intervenção em Espanha.

Pelo derrubamento do governo de traição nacional de Salazar.

Pela defeza da Independencia da nossa terra.

Por um Portugal Livre e Feliz.

Amigos de Avante

Do « Grupo de Amigos do AVANTE », iniciativa dum punhado de emigrados portugueses em França e que já se estendem à emigração de Nova York, recebemos 970 francos.

Agradecemos aos nossos camaradas o auxilio que prestaram ao nosso jornal e que em parte contribuiu para a sua reparação.

Esperamos que a publicação do AVANTE estimule a actividade dos amigos do AVANTE, espalhados por todo o mundo onde há portugueses, pois agora, mais do que nunca AVANTE precisa do seu auxilio.

No próximo numero publicaremos a lista das importancias recebidas para o AVANTE, produto das subscrições abertas aqui, em Portugal.



O auxílio ao povo Espanhol

« A libertação da Espanha da opressão dos reaccionários fascistas não é uma questão privada dos espanhóis mas a causa comum de toda a humanidade avançada e progressiva. »

STALINE.

A bárbara invasão da Espanha pelo fascismo italo-alemão provocou, em toda a parte, não só entre os anti-fascistas, entre os amigos da Paz e da Democracia mas em todas as pessoas nas quais pulsa um coração humano, a mais veemente repulsa e o desejo sincero de auxiliarem esse povo que, com um heroísmo sublime, se bate pela Liberdade, pela Independência dos povos e pela Paz do mundo.

Os maiores escritores, sábios e artistas de todo o mundo, figuras como : Upton Sinclair, Romain Rolland, André Malraux, professor Langevin, a duquesa de Atholl (deputada conservadora do Parlamento inglês), Lord Roberto Cecil e tantas outras personalidades de destaque se puseram decididamente do lado do povo espanhol protestando contra as barbaridades de que ele é vítima, participando na grande cruzada de solidariedade que em toda a parte se organiza.

Os trabalhadores de todo o mundo,

mais particularmente os trabalhadores franceses, ingleses, americanos, noruegueses, mexicanos, sem falar dos trabalhadores da União Soviética, têm enviado ao povo espanhol víveres e medicamentos no valor de centenas de milhões de escudos.

Os descarregadores das docas de Marselha, do Havre, de Oran, de Gdynia, de Anvers, etc, tem-se recusado a descarregar barcos destinados à Espanha fascista. Em Nápoles — Itália — os operários fizeram arder o hangar dum aeródromo onde se encontravam 3 aviões que se destinavam aos fascistas espanhóis. Em Hamburgo — Alemanha — a polícia prendeu a tripulação dum navio que se recusou a embarcar para a Espanha fascista.

Nos próprios países onde impera a mais desenfreada repressão fascista tais como na Alemanha e na Itália os operários fazem subscrições e distribuem manifestos

e jornais apelando à solidariedade em favor do povo espanhol.

De todos os cantos do mundo chegam à Espanha republicana, anti-fascistas, verdadeiros voluntários — os únicos voluntários que se encontram em Espanha — e que aí vão dar o seu esforço e o seu sangue bom e generoso pela causa da Paz e da Liberdade.

É certo que as massas trabalhadoras do mundo inteiro não fizeram ainda pelo povo espanhol tudo quanto podiam e deviam fazer. As massas anti-fascistas das principais potências não conseguiram ainda, por exemplo, forçar os seus governos a fazerem cessar o bloqueio imposto à Espanha republicana e pelo qual esta não pode adquirir os meios de defesa de que carece, as massas anti-fascistas não conseguiram ainda fazer cessar o apoio directo ou indirecto que os seus governos prestam aos agressores fascistas. Contudo, o movimento de solidariedade que já existe e que cada vez mais se alarga e intensifica demonstra que as massas anti-fascistas do mundo inteiro compreendem que na Espanha se jogam não só os interesses dos espanhóis mas de toda a Humanidade e que o auxílio ao povo espanhol — como diz o camarada Stáline — constitui o dever de toda a Humanidade avançada e progressiva.

A União Soviética cumpre com honra o seu dever

Desde os primeiros momentos da guerra que ensanguenta a Espanha, o povo espanhol, tem encontrado sempre à seu lado, prestando-lhe o mais valioso auxílio, o povo amigo, o povo irmão, da grande Pátria dos Trabalhadores, a gloriosa União Soviética.

No princípio de Agosto de 1936, reuniram-se na Praça Vermelha, em Moscovo, num grande comício de solidariedade para com a Espanha republicana, 200.000 pessoas. De todos esses milhares de bocas saiu um grito unânime : « Auxiliemos os nossos irmãos espanhóis que se batem contra o fascismo ! » Cinco dias depois o chefe do governo da República Espanhola recebia das mãos do povo soviético 36 milhões de francos angariados em subscrições que em todo o território da U. R. S. S. se tinham organizado.

Em Setembro as operarias da fábrica « Triogornala » tiveram a iniciativa de organizar o auxílio em víveres e em vestuário às mulheres e às crianças espanholas e em seguida, novos milhões de rublos se juntaram para serem enviados para Espanha, vestidos, calçado, conservas, leite condensado etc. Barcos carregados de víveres começaram a afluír à Espanha, enviados pelo povo soviético. Os fascistas afundaram o barco soviético « Komsomol ». Mas a solidariedade do povo soviético não afrouxou nem um instante. Em fins de 1936 cerca de 50 milhões de rublos (mais de 150 milhões de francos) tinham sido colectados na União Soviética em favor do povo espanhol.

Mas não se limitou ao envio de víveres e de vestuário o auxílio prestado pela U. R. S. S. ao povo espanhol.

Em Outubro de 1936, quando a República espanhola asfixiada pela hipócrita política de « não-intervenção » atravessava horas trágicas, quando o invasor fascista avançava em direcção à Capital, apoiado em poderosos instrumentos de guerra, sem que o povo espanhol lhe pudesse opor mais do que o seu peito heroico, mas descoberto ; a União Soviética declarou em Londres pela boca do seu delegado :

— Para a situação actual só há uma saída : restituir ao governo espanhol o direito e a possibilidade de comprar armas, fora da Espanha, direito e possibilidade que gozam hoje todos os governos do mundo...

...A União Soviética não se considera mais ligada ao compromisso de não-intervenção senão na mesma medida em que o estão qualquer dos outros países que participam neste acordo. »

Isto significava que daquela data em diante, a União Soviética se considerava no direito de fornecer armas e munições ao povo espanhol, se os países fascistas continuassem desrespeitando o acordo da não-intervenção.

E mais uma vez o auxílio potente da União Soviética se fez sentir refletindo-se visivelmente na encarniçada resistência

que o povo espanhol tem sabido opor aos intervencionistas.

No campo diplomático igualmente a União Soviética tem defendido com uma coragem e nobreza exemplar os direitos da Espanha, vergonhosamente sacrificados pelas Democracias ocidentais aos apetites da Alemanha e da Itália.

Numa palavra, a União Soviética tem sido o mais sólido baluarte do movimento internacional de ajuda à Espanha republicana. Tivessem as outras Democracias cumprido o seu dever como o cumpre honrosamente a União Soviética e há muito já que os invasores fascistas teriam sido corridos do solo da Espanha e a Humanidade teria visto dissiparem-se as nuvens negras de tempestade que pairam sobre a Europa e sobre o mundo.

A União Soviética, pelo auxílio prestado à República espanhola, demonstra mais uma vez na prática que ela marcha na vanguarda da Humanidade, na luta pela Paz, pela Liberdade, pelo Progresso.

Agora a palavra pertence ao proletrariado mundial.

É necessário fazer todos os esforços para assegurar a Victoria do Povo Espanhol.

DIMITROF.

O povo Português em auxílio do povo irmão

Como se sabe, o nosso país representou um papel importantíssimo, sobretudo nos primeiros tempos, na guerra de Espanha, pelo auxílio directo prestado a Franco e aos intervencionistas, auxílio esse que se manifestou sob a forma de créditos financeiros, angariação de fundos por meio de subscrições e festas, envio de viveres, armamentos e apetrechamentos de guerra, recrutamento de soldados para as hostes de Franco etc., etc. A acção do povo português, em auxílio do povo espanhol, contra a intervenção em Espanha, teve, pois, e continua tendo, muitas ocasiões para poder manifestar-se. Porém, somos obrigados a reconhecer que essa acção não se efectuou na medida em que podia e devia. Contudo, algumas acções se realizaram que denotam, pelo menos, a indignação do povo português contra a intervenção do fascismo em Espanha e a sua firme vontade de auxiliar a República espanhola a triunfar.

Em primeiro lugar devemos lembrar a revolta dos marinheiros dos barcos de guerra « Afonso de Albuquerque » e « Dao ». Como se sabe, os heroicos marinheiros, sublevaram-se arriscando a sua vida, para protestarem contra a nefasta política de Salazar. Os marinheiros quizeram, assim, significar que o povo português não está com Salazar na luta contra o povo espanhol.

Em Janeiro de 1937, a população de Lisboa manifestou de novo o seu protesto tentando destruir e danificar o « Radio Club Português », estação de TSF ao serviço dos fascistas italo-alemães, os depositos da « Vacuum » que continham gasolina destinada aos rebeldes; procurando impedir a fábrica de pólvora de Barcarena de continuar a fabricar armamento e munições para Franco; e atentando contra o quartel general dos fascistas espanhóis em Lisboa, etc.

Em Março do mesmo ano, por motivo de sabotagem, produziu-se uma explosão na Fábrica Metalúrgica de Benfica que fabricava bombas e granadas para Franco.

Os camponeses de Serpa fizeram voltar as camionetas do « comboio automóvel » organizado pela Legião Portuguesa e que levavam provisões para a Espanha fascista.

Por intermédio do Socorro Vermelho foram enviados para a Espanha Republicana medicamentos no valor de cerca de 10.000 escudos.

Nas fábricas e nas escolas organizam-se subscrições algumas delas permanentes para auxílio à Espanha republicana.

Em muitos pontos do país é prestada uma solidariedade pratica a dezenas e dezenas de espanhóis refugiados. Números são as famílias de operários, de camponeses, e da pequena burguesia que acolhem no seu seio os espanhóis evadidos do campo de Franco, dando-lhes abrigo, alimentando-os e prestando-lhes o auxílio que as suas fracas posses lhe per-

Herois do povo Espanhol

HENRIQUE LISTER

Até ao 18 de Julho Lister tinha exercido a profissão de canteiro. Filho de operários cedo teve de emigrar para Cuba em busca de pão. Era ainda muito jovem quando começou a participar nas lutas pela emancipação da classe trabalhadora, nas filas comunistas. Em 1934 teve de emigrar para a União Soviética; de regresso a Espanha pôs todas as suas energias ao serviço do partido comunista.

Em Julho foi dos que na Serra do Guadarrama lutou heroicamente contra os rebeldes e pertence ao número dos organizadores do V Regimento.

Pouco depois tomou o comando de uma brigada cujo nome se confunde com o das lutas mais duras e mais gloriosas contra as tropas estrangeiras.

Nos momentos de perigo, a brigada Lister é chamada pondo o seu heroísmo e a sua disciplina ao serviço da causa da República. Foi a brigada Lister que em Toledo lutou, em condições difíceis, contra o exercito rebelde, foi ela também que em Talavera cobriu a retirada das milicias republicanas.

Em Brunete a brigada sustentou o primeiro embate das tropas envaiadas de Franco e seus aliados, e mais tarde em Teruel, o comando republicano conferiu ao Major Lister o grau de Tenente-Coronel, anulando um decreto de Caballero, segundo o qual a carreira militar dos chefes saídos do povo se limitava ao posto de major.

Nesta frente como anteriormente em Guadalajara, em Brunete e em tantas outras, a brigada Lister afirmou-se como uma das mais firmes e heroicas na luta pela Liberdade e pela Independência da Espanha.

Lister o antigo canteiro é hoje um dos generais mais queridos e mais competentes da República.

Aos que julgavam o povo incapaz de constituir um exercito, aos que descreem

~~~~~  
mitem. Muitos e numerosos casos de abnegação poderíamos citar se não temessemos dar indicações que servissem de pista à polícia.

Nos campos da Espanha republicana combatem e têm dado a vida pela causa por que se bate o povo espanhol centenas dos mais dignos filhos do povo português.

Mas, estas acções não bastam para que o povo português possa supor que cumpriu o seu dever em relação ao povo espanhol.

O dever dos trabalhadores portugueses, o dever de todo o povo português, é ajudar com todas as suas forças, arrostando com todos os perigos, o povo irmão que, latendo-se pela sua Independência assegura, ao mesmo tempo, a Independência da nossa terra.

Avante, portugueses, por um auxílio pratico ao povo espanhol. Unamo-nos todos e exijamos a imediata cessação da intervenção de Portugal em Espanha. Inutilizemos praticamente qualquer auxílio a Franco. Derrubemos Salazar, o alma-danada da Intervenção em Espanha.

por sistema das virtudes das massas populares, oferecemos a vida de Lister e a sua carreira militar como objecto de meditação.

### MODESTO

Antes da rebelião o comandante Modesto era carpinteiro. Em Julho foi dos que organizaram o 5º regimento. Comandante do batalhão Thaelman a ele se deve uma das mais heroicas feições da guerra de Espanha: a defesa de Aranguez, à baioneta, dos assaltos das tropas moures. As forças que tinham por missão defender Aranguez traídas pelos seus chefes e pela irresolução e cobardia dos militares de carreira, tinham resolvido retirar. O batalhão Thaelman ficou porém no seu posto. Modesto, seu comandante disse: aqui não passará! Ouvia se já o galope da cavalaria marroquina, Modesto pronunciou estas simples palavras: calar baionetas! — o batalhão tinha esgotado todas as munições! As forças marroquinas foram derrotadas. O batalhão Thaelman foi dizimado, é certo, mas Aranguez não caiu em poder das tropas estrangeiras! Nos momentos mais graves da defesa de Madrid, Modesto esteve lá.

Filiado no partido comunista pôs abnegadamente ao serviço do povo espanhol a sua inteligência e a sua energia invulgar. Foi Modesto quem traçou com as cartas do Estado Maior na mão a gloriosa ofensiva de Brunete.

É hoje um dos chefes de maior valor do Exército Popular.

### CAMPESINO

Filho do povo como o seu pseudónimo tão bem indica, Campesino pertence também ao partido comunista. Encontrou-se ao lado de Galan, no começo da guerra em Somosierra e depois tomou parte em quasi todas as grandes batalhas contra as tropas de invasão. Encontramo-lo nos combates de Geocenes nas primeiras trincheiras de Carabanchel, em Guadalajara, em Briuega.

A sua brigada revestiu-se de uma aureola de heroísmo quasi lendário. Campesino é hoje considerado com justiça um dos chefes mais prestigiosos do Exército Popular.

A vida de Campesino constitui um outro e notável exemplo das possibilidades imensas das massas populares que ele admiravelmente encarna e ao serviço das quais pôs inteiramente a sua preciosa vida.

### DURRUTI

Um dos mais estimados dirigentes espanhóis do movimento anarco-sindicalista. Com um passado de luta tenaz pela classe trabalhadora, foi dos que em 18 de Julho organizou a luta contra a rebelião fascista e se bateu contra ela com exemplar heroísmo.

O seu espírito de classe não o enganava, por isso ele foi dos que viu bem a necessidade de uma rigida disciplina para que o triunfo do Povo fosse assegurado.

Durruti morreu num momento em que as massas populares mais necessidade tinham da sua inteligência e da sua energia.



## Portugueses que resgatam Portugal do oprobrio!

Entre os muitos crimes que Salazar, esse monstro abominável, tem às suas costas, um dos maiores é, sem dúvida, o de ter levado Portugal, a colaborar no estrangulamento do povo nosso irmão, do heróico e glorioso povo espanhol.

Nunca a Humanidade poderia perdoar a Portugal, a sua complicitação activa no massacre de tanta mulher e criança indefesa, na destruição de tanta maravilha, e na tentativa de escravização dum dos mais nobres povos se não fosse possível demonstrar que não é Portugal, mas uma minoria de portugueses degenerados, que contra a vontade da Nação as-

sumem a responsabilidade de tão nefando crime.

Nunca as gerações vindouras da nossa terra perdoariam aos seus antepassados o crime de lesa-pátria que se está cometendo, auxiliando o estabelecimento, junto às nossas fronteiras, de exércitos invasores, que querem conquistar o solo do nosso país, se não pudessem ler, no livro da História, ao lado das páginas negras da traição, escritas por um punhado de traidores, as páginas de ouro, escritas com o sangue dos heróis, que nos campos de batalha da Espanha, resgatam o nosso país do oprobrio.

Portugal, diremos nós ao mundo, e aos

nossos filhos — não é Salazar e a sua gente.

O verdadeiro Portugal, aquele que segue as tradições do nosso passado glorioso, representam-no os heróis que lutam e morrem pela causa da Humanidade progressiva, na Espanha mártir e gloriosa.

Glória a vós, filhos dignos de Portugal, honra e orgulho da nossa terra.

O Partido Comunista que luta sem descanso pela libertação e engrandecimento da Nação portuguesa, e com ele todo o povo português, saúda os vivos e inclina a sua bandeira, perante o corpo dos mártires!

Numerosos são os portugueses, que nos campos de batalha da Espanha republicana, combatem pela causa da liberdade e da Independência dos povos. Desferiamos referir-nos a todos, faltam-nos, porém, para isso imediatamente os elementos. Citemos por agora, alguns apenas, prometendo em futuros números, resgatar-nos da nossa involuntária falta.



### COMANDANTE OLIVEIRA PIO

Antigo oficial do Exército português e combatente da guerra 1914-18.

Expulso de Portugal, pela Ditadura, pela sua actividade anti-fascista.

O comandante Oliveira Pio, alistou-se, logo no começo da sublevação dos generais traidores, nas milícias populares, como simples miliciano.

Foi nomeado instrutor do 5º Regimento das milícias.

As jornadas trágicas de Novembro, encontraram Oliveira Pio, nas primeiras linhas de fogo, na defesa de Madrid.

Foi ferido em Carabanchel, depois de ter participado na ocupação do Hospital Clínico.

Na convalescença do grande ferimento recebido, Oliveira Pio, assumiu o cargo de Director da Escola de Aplicação do 5º Corpo do Exército.

É um dos antigos oficiais do Exército português que mais se tem distinguido na guerra de Espanha.

### ALEXANDRINO DOS SANTOS

Antigo oficial do exército português. Quando eclodiu o 18 de Julho pôs-se imediatamente ao serviço do governo legítimo da República. A sua acção em Aragão e noutras frentes valeu-lhe a admiração de todo o povo espanhol.

A reorganização dos carabineiros, levada a cabo por Alexandrino dos Santos, é uma realização de alto valor como reconheçamos os mais categorizados chefes do Exército Popular.

É com o maior orgulho que o povo português conta entre os seus filhos homens como o Tenente Coronel Alexandrino dos Santos.

### MANUEL ROQUE JUNIOR

Velho militante de classe operária portuguesa. Duas vezes deportado em África pela sua actividade de anti-fascista. Combate no Exército Popular da República desde 1936 onde se tem distinguido pelo seu heroísmo.

### JOAQUIM DA SILVA SANTOS

Anti-fascista emigrado em Espanha, por motivo da perseguição policial de que era vítima.

Desde o começo da guerra que luta ao lado do povo espanhol. Começou por enfermeiro do Hospital Sanitário N.º 1. Em Novembro de 1936 era já capitão de sanidade militar, posto que mereceu pelos relevantes serviços prestados.

Actualmente desempenha as funções de Inspector Chefe da « Jefatura de Sanidade Militar de Madrid.

### ANTONIO VICENTE

Membro das Juventudes Comunistas Portuguesas. Encontrava-se em Espanha, para onde emigrara por motivo de ser perseguido pela sua actividade anti-fascista. Assim que começou a guerra alistou-se imediatamente nas milícias. Participou nas batalhas de Guadarrama, Talavera e Jarama. Foi duas vezes ferido. Uma vez em El Pardo, uma bala atravessou-o de lado a lado. Mal refeito dos ferimentos voltou sempre à frente.

A terceira vez que voltou à frente, caiu, crivado pela metralha do fascismo assassino. Morreu, aos 22 anos, em plena juventude, coberto do mais puro heroísmo.

### SALVADOR CRUZ

Salvador Cruz, velho membro do Partido Comunista Português, caiu em Espanha às balas dos fascistas assassinos.

Salvador Cruz trabalhou no Arsenal de Marinha na profissão de fundidor. Perseguido pelos esbirros salazaristas pela sua actividade anti-fascista, foi obrigado a refugiar-se em Espanha, onde se encontrava há alguns anos.

Logo que eclodiu a guerra civil em Espanha alistou-se nas milícias populares. Ao fim de tres meses de luta foi promovido a sargento, no Guadarrama, onde foi ferido. Depois de curado entrava novamente na coluna que mais tarde veio a comandar como tenente. Promovido a capitão, fez serviço junto do Estado Maior. De novo assumiu o comando duma coluna, desta vez no Escorial, onde combateu ao lado dos destemidos generais Manguada e Galan, onde foi ferido mortalmente.

Os camaradas componentes da coluna que ele comandava, em homenagem ao seu heroísmo e qualidades militares, deram à sua coluna o nome de Salvador Cruz.

### ANTONIO BANDEIRA CABRITA

Antigo estudante da Universidade de Lisboa. Desenvolveu uma importante actividade no Algarve, donde era natural, para a organização dos trabalhadores.

Em 1931 foi preso por pertencer ao Partido Comunista Português, onde ocupava um posto de responsabilidade e deportado para Timor. Transferido para Macau, conseguiu evadir-se, indo para Pelipim e mais tarde para Espanha.

Incorporou-se, logo de início da guerra, nas milícias.

Caiu na frente de Talavera, no dia 11 de Março de 1937, tendo-se distinguido pela sua bravura e heroísmo, graças aos quais conquistara o posto de tenente.

### AUGUSTO REIS

Este camarada encontrava-se em Espanha desde 1934, para onde emigrara, após o 18 de Janeiro, por motivo da acção que desenvolvia na Anadía e pela qual era ferozmente perseguido pela polícia. Desde o começo da guerra, o camarada Augusto Reis, incorporou-se nas gloriosas milícias populares. Membro do Partido Comunista Português desde 1933 de que era um modelo de abnegação pela causa dos oprimidos.

Caiu heroicamente na frente de Aragão, por ocasião das batalhas de Teruel.



### MAIS ALGUNS NOMES DE

Heróis portugueses caídos no campo de batalha: José dos Santos Rocha, morto na serra do Guadarrama; Tenente Manuel Decolciano, morto na Casa de Campo; Inácio Afonso Fernandes, morto na frente de Majadahonda; Joaquim Alves Neves, morto na frente de Guadalajara; Juventino Fleita da Costa, morto na frente de Ajram; Joaquim Freitas Leite, morto na Casa de Campo; Antonio José Durães, morto na Casa de Campo; Domingos Martins da Cunha, morto na Casa de Campo; Antonio Martins da Cunha, morto na Casa de Campo; Julio Duarte, morto na Casa de Campo; Camilo Peres, morto na Casa de Campo; José da Costa Ferreira, morto na frente de Brunete; Alfredo Domingues, morto na frente de Centro; Manuel Monteiro Jesus, morto na frente de Centro; Manuel Antonio Gonçalves, morto na frente de El Pardo; Antonio José Ferreira, morto na Ponte das Franceses.



## O papel do partido comunista na organização da luta pela independência Nacional da Espanha

O papel desempenhado pelo Partido Comunista de José Díaz e de Passionaria na organização da luta pela defesa da independência nacional da Espanha é de uma envergadura excepcional. A sua visão clarividente que lhe permite determinar a tática e os métodos de acção mais apropriados às condições da Espanha, à extraordinária actividade, ao insuperável espírito de sacrifício e à abnegação de milhares dos seus militantes, deve o povo espanhol os elementos mais potentes da resistência encarnada que durante dois anos tem oferecido aos exércitos invasores.

Um dos principais méritos do Partido Comunista espanhol consiste em ter sido ele o propulsor e o organizador da Frente Popular sem a existência da qual a Espanha há muito teria sido inexoravelmente esmagada pelas hordas de Hitler e de Mussolini.

O Partido Comunista denunciou, publicamente, muito antes da insurreição dos generais traidores a preparação da guerra civil que os inimigos da República levavam a cabo. Passionário e José Díaz, no Parlamento e o « Mundo Obrero », órgão central do Partido, chamaram a atenção do governo para os maneios criminosos das forças reaccionárias exigindo a prisão de todos os chefes e responsáveis.

Logo que começou a guerra, o Partido Comunista espanhol, sem a mais pequena vacilação pôs-se imediatamente à cabeça das massas disposto a todos os sacrifícios para impedir a marcha do fascismo. No dia 18 de Julho, Passionaria, ao microfone de Radio Madrid lançou a célebre palavra de ordem que devia galvanizar o povo espanhol para as acções do mais sublime heroísmo: « NO PASARAN! »

O Partido Comunista soube desde o primeiro momento definir o carácter da guerra que se travava em Espanha: « Não é somente uma guerra contra os fascistas espanhóis — escrevia o « Mundo Obrero » — é uma nova guerra de independência.

Na defesa de Madrid, que constituiu uma das páginas mais gloriosas escritas pelo povo espanhol, o Partido Comunista assumiu um papel de vanguarda dos mais importantes. José Díaz e Passionaria, os dirigentes queridos do povo espanhol, empunhando a pá e a picareta, deram ao povo de Madrid o exemplo de que era preciso, sem perda de tempo, preparar a fortificação da capital e quando nas jornadas angustiosas de Novembro de 1936 os destacamentos do exército invasor se aproximaram de Carabanchel e da Casa do Campo, o Partido Comunista mobilizou todos os seus melhores militantes, todas as suas forças, para a defesa de Madrid. José Díaz lançou então a palavra de ordem:

« Os comunistas na primeira linha », « Preferimos dar até a última gota do nosso sangue que permitir a entrada em Madrid das hordas fascistas ».

E em Brunete, Quijorna, Belchite, Guadalajara, Teruel, nas Asturias, e em Bilbao, nas horas gloriosas do triunfo como

nos momentos dolorosos das derrotas, sempre, como em Madrid, os comunistas se encontravam, com os heróis do povo espanhol, nas primeiras linhas do combate.

O Partido Comunista foi a organização que com mais afinco lutou pela organização dum Exército regular potente e disciplinado. Para isso teve o Partido Comunista que vencer certas concepções que existiam numa parte do proletariado espanhol e que consistiam em sobrepor as milícias isoladas, sem comando militar e sem coesão a um forte exército centralizado. O Partido Comunista sabia muito bem que não era com grupos isolados de guerrilheiros, embora cheios de heroísmo, que se podia opor uma séria resistência a exércitos admiravelmente apetrechados como os exércitos italianos e alemães. Mas o Partido Comunista não se limitou a empregar todos os seus esforços para a constituição do Exército Popular da República. O Partido concebeu: expôs e lutou pela aplicação de toda uma vasta política de guerra, tendo em conta os seus mais importantes problemas tais como: o problema das fortificações, das reservas, dos abastecimentos, da criação duma potente indústria de guerra, etc.

O Partido Comunista exerceu sempre, e continua exercendo, a mais severa vigilância contra os inimigos declarados ou encobertos da República, contra os membros da 5.ª coluna ao serviço do fascismo, e contra a agência de Hitler e Mussolini na retaguarda da República o P.O.U.M., a organização dos renegados trotskistas, que pretendeu em Maio de 1937 e noutras ocasiões, apunhar pelas costas o povo espanhol.

O Partido Comunista assumiu um papel da maior importância na questão da aliança com os camponeses. Enquanto vários sectores preconizavam a expropriação violenta das terras dos pequenos camponeses e a colectivização obrigatória, o Partido Comunista lutava porque a terra dos grandes proprietários fosse distribuída pelos camponeses e operários agrícolas e para que estes a cultivassem como entendessem, isto é em colectivo ou individualmente.

Desta maneira, dando a terra aos camponeses e a liberdade de a cultivarem como eles queiram, a República pôde contar com o apoio dum das mais importantes forças da Espanha.

O Partido Comunista foi e continua sendo o mais forte estelão da República Democrática Popular. Não faltou quem combatesse o Partido Comunista por ele defender energicamente a República Democrática em vez de tentar fazer a Revolução socialista. O Partido Comunista sabia que procedendo assim defendia mais do que de nenhuma outra maneira a causa que está em jogo em Espanha. Em Espanha não havia nem há ainda as condições para a organização, desenvolvimento e consolidação da Revolução Socialista. Na Espanha existiam e existem ainda sectores importantes do povo espanhol submetidos a influências ideológicas diferentes: comunistas, anarquistas, socialistas, republicanos, católicos. Se ca-

da um destes sectores quisesse impôr aos restantes um regime de harmonia com as suas concepções ideológicas isso significaria o rompimento imediato da unidade do povo espanhol. Os republicanos, as grandes massas de camponeses, os trabalhadores sem partido, a pequena burguesia, os católicos que dão todo o seu esforço valioso para a luta contra o invasor separar-se-iam do proletariado revolucionário se este, nos momentos trágicos do presente, procurasse fazer uma Revolução socialista cuja necessidade eles ainda não compreendem. O problema fundamental que se põe em Espanha — como o Partido Comunista sempre o declarou — consiste em GANHAR A GUERRA. Se o fascismo triunfasse perder-se-ia, por largos anos a possibilidade do estabelecimento dum regime avançado e toda a Espanha seria submetida à mais cruel e abominável escravidão. LOGO, É PRECISO, ANTES E ACIMA DE TUDO, GANHAR A GUERRA. Ganhar a guerra é a condição básica para o desenvolvimento ulterior da Revolução Democrática que em Espanha se leva a cabo. Mas, para ganhar a guerra é preciso a união de todos os espanhóis que amam verdadeiramente a sua Pátria e essa união só pode operar-se em volta dum objectivo comum, sobre uma base comum. Essa base sobre a qual se podem e devem unificar todos os espanhóis é a República Democrática o seu Programa, que podem e devem aceitar todos os espanhóis é o Programa do actual governo de União Nacional, expresso nos 13 pontos do Presidente Negrín.

A República Democrática satisfaz, hoje, já as mais prementes aspirações das massas populares das cidades e dos campos, assegura as suas liberdades, promove o desenvolvimento económico e cultural da Espanha, cria as condições fundamentais para a vitória sobre os invasores e para os triunfos de amanhã, em todos os domínios. Por isso o Partido Comunista empregou sempre e continua empregando os maiores esforços para a defesa e reforçamento da República Democrática, expressão da unidade do povo espanhol em luta pela sua Independência, pela Liberdade e pela Paz.

O Partido Comunista espanhol pelo papel que tem representado na organização da luta pela Independência, pela Liberdade, pelo Progresso da Espanha que ao mesmo tempo a luta pela Liberdade e pela Independência dos povos e pela Paz do mundo, mereceu bem a simpatia e o respeito que goza não só entre as massas populares da Espanha mas entre as massas populares de todo o mundo.

Se Passionaria, a noz da grande camarada Passionaria é hoje estremecida em todo mundo, como o são os chefes queridos do proletariado mundial, como Staline, como Dimitroff, é porque ela é a incarnação mais viva desse grande Partido que é a carne da carne do e gula esclarecido dum dos povos mais heroicos e gloriosos da Humanidade.

Gloria, pois, ao Partido Comunista espanhol, ao seu Comité Central, e aos seus clarividentes e valerosos dirigentes JOSE DIAZ e PASSIONARIA.



## A República Espanhola e a cultura do povo

Uma das realizações do governo da República espanhola que maior assombro causa no mundo é a sua obra cultural.

Com efeito, num período trágico como o que hoje o povo espanhol vive fez-se pela cultura do povo o que governo algum, anteriormente, tinha querido ou conseguido.

A Jesus Hernandez, ministro comunista se deve, em grande parte, esta obra.

A luta contra o analfabetismo tem sido uma das preocupações fundamentais do governo.

Desde Setembro de 1936, 10.000 novas escolas foram criadas em Espanha. Grandes somas foram consagradas à construção de edifícios escolares.

O número de escolas criadas pela monarquia no ano de 1930, foi de 945.

Em 1935, o governo reacçãoário criou 1.389. O número de escolas criadas pelo governo da Frente Popular, durante um ano de guerra foi de 7.628.

Os filhos dos combatentes do povo espanhol recebem instrução em centenas de colónias dotadas do pessoal qualificado que require a pedagogia moderna. Assim, apoiado por uma campanha nacional, por uma verdadeira mobilização civil, empreendeu-se uma luta vigorosa contra o analfabetismo. Brigadas volantes foram levar a cultura até às aldeias perdidas nas montanhas onde nunca tinha chegado um vestígio de ensino. Um decreto datado de 30 de Janeiro criou o corpo das « Milícias de Cultura », que, constituídas por professores e instrutores escolares vão levar a instrução primária aos combatentes aos próprios campos de batalha.

No decurso do mês de Outubro as milícias de cultura deram um total de 75.894 lições individuais e 31.200 lições colectivas. Durante 30 dias 11.066 combatentes aprenderam a ler, 33 bibliotecas foram fundadas, 762 conferências proferidas, 78 jornais murais criados assim como alguns centros de cultura. Este magnífico trabalho de educação e de esclarecimento das massas populares constitui uma verdadeira linha de demarcação entre a Espanha republicana e a Espanha submetida à pata do fascismo. Dum lado os que dão morras à inteligência na Universidade de Salamanca e são vivamente aclamados, os que queimam livros nas praças públicas, imitando os mestres de Berlim e do outro lado a Espanha republicana empenhada em elevar o povo a um nível intelectual nunca atingido.

Não se limita, porém, à campanha contra o analfabetismo a obra cultural empreendida pelo governo da República espanhola. Institutos operários foram criados em Barcelona, Valencia e Sabadell, agrupando centenas dos melhores filhos da classe trabalhadora. As matriculas, o ensino e o alojamento são absolutamente gratuitos assim como os livros.

Os operários de todas as tendências — diz Jesus Hernandez — compreenderam perfeitamente a beleza e a importância desta obra, apoiando o esforço do governo em favor da cultura popular.

Completando o trabalho realizado pelos Institutos operários, o governo, por decreto de 6 de Dezembro de 1937 criou

## A República Espanhola e os camponeses

A situação dos camponeses espanhóis foi, em todos os tempos, das mais angustiosas que se pode imaginar.

A mais revoltante servidão reinava nos campos espanhóis. Os grandes proprietários feudais, « os terratenientes » dispunham dos camponeses como de objectos seus, exploravam-nos sem piedade, submetiam-nos à mais violenta das tiranias e mantinham os camponeses numa profunda ignorância.

A grande propriedade pertencia a um punhado de « terratenientes » enquanto a grande massa da população laboriosa dos campos não possuía um palmo de terra.

Antes da República, somente 1 % da população que vivia da agricultura possuía 51 % da terra enquanto 40 % não possuía absolutamente nada.

Somente 38 grandes senhores feudais possuíam mais de 500.000 hectares de terreno, a maior parte dos quais incultos ou destinados à caça, enquanto milhões de operários agrícolas, desempregados, e sem um pedaço de terra viviam na maior miséria.

Os primeiros governos da República e sobretudo os governos saídos da vitória eleitoral de 16 de Fevereiro, tentaram pôr em prática algumas medidas tendentes a modificar esta situação, mas fizeram-no muito vacilantemente, não tendo sabido vencer a resistência oposta pelos senhores da terra.

Só o governo da Frente Popular, constituído após o começo da guerra e de que fazia parte o camarada Vicente Uribe, membro do Bureau político, do Partido Comunista de Espanha, soube modificar radicalmente a situação do camponês, pondo em prática uma autêntica Reforma agrária.

O Parlamento da República espanhola aprovou, em 7 de Outubro de 1936, por proposta de Uribe; uma lei, pela qual todas as propriedades dos grandes senhores eram expropriadas e entregues

bolsas de estudo para todos os trabalhadores aptos a seguir os estudos universitários. Todo o povo poderá frequentar os cursos superiores, deixando estes de ser um privilégio de classe.

A juventude do governo da República Espanhola proporciona no domínio de educação física e do desporto o que esta mais necessita para o seu desenvolvimento perfeito, e para poder amanhã nas frentes defender a Patria contra a invasão estrangeira.

Pela primeira vez em Espanha foram criados Institutos de Artes plásticas e orquestras nacionais de Concerto para recreio e educação das massas populares. O que o governo espanhol fez pela cultura do povo sob o fogo dos canhões e dos aviões das tropas invasoras é pela sua grandeza e significado uma das mais belas realizações da Humanidade.

aos operários agrícolas e aos camponeses para o seu usufruto.

Sem falar na Catalunha e nas três províncias de Aragão, foram entregues aos camponeses 48.896 propriedades duma superfície total de 4.086.386 hectares de terreno.

Os rendeiros, foreiros, seareiros etc. que eram obrigados a pagar aos senhores grandes rendas, pelas terras que eles cultivavam, com o seu esforço, foram libertos de todos esses encargos, usufruindo hoje o produto das terras como se fossem suas.

O governo de Frente Popular — hoje autêntico governo de União Nacional — não se limitou a dar a terra aos camponeses e a libertá-los dos pesados encargos senhoriais que oprimiam os rendeiros. O governo auxilia das mais variadas maneiras os camponeses fornecendo-lhes créditos, sementes, adubos, máquinas agrícolas, dispensando somas enormes para a compra dos produtos dos camponeses libertando-os assim, dos especuladores etc.

A pesar das grandes despesas provocadas pela guerra, o governo dispôs mais de 200 milhões de pesetas para auxiliar os camponeses.

O Ministério da agricultura forneceu aos camponeses 255.730 toneladas de adubos e 14.623.090 quilos de sementes, no valor de mais de 18 milhões de pesetas.

Para ajudar os camponeses a colocarem os seus produtos gastou o governo varios milhões de pesetas.

O ministério da agricultura fornece às empresas colectivas as máquinas agrícolas indispensáveis.

Para promover a super alimentação dos camponeses, no período dos trabalhos violentos da ceifa, o Ministério da agricultura distribuiu pelos camponeses 11 milhões de quilos de chocolate, de açúcar, bacalhau etc., 1773 caixas de conservas, 14.127 de sardinhas etc.

Ao mesmo tempo o Ministério da agricultura levou a instrução aos campos, criando escolas e institutos agrícolas, organizando conferências, cursos rápidos, editando prospectos e folhetos de vulgarização agrícola etc.

A pesar da guerra que tolhe as possibilidades de desenvolvimento e absorve o grosso das atenções e dos recursos do país, a situação dos camponeses mudou, tanto material como moralmente, como a noite para o dia.

O camponês espanhol, abolido para sempre a servidão e a exploração capitalista, é livre e cultiva as terras que o Estado lhes dá em usufruto gratuito. Por isso o camponês espanhol combate com todas as suas forças e de armas na mão contra os invasores que pretendem reduzi-lo de novo à escravidão.



# O Programa da União e da vitória

## Os 13 Pontos de Negrin

No dia 1 de Maio o Governo de União Nacional, num documento, que sintetiza o pensamento de todo o povo espanhol proclamou os seus fins de guerra.

Ao povo português pedimos a máxima atenção para o programa dos nossos irmãos espanhóis que a seguir, integralmente reproduzimos:

1° — Assegurar a independência absoluta e a integridade total da Espanha. Uma Espanha completamente livre de toda a intervenção estrangeira, seja qual for o seu carácter e origem, com o seu território peninsular e insular e as suas possessões intactas e a coberto de qualquer tentativa de desmembramento, alienação ou hipoteca, conservando as zonas de protectorado atribuídas à Espanha pelos tratados internacionais, enquanto estes tratados não forem modificados com sua intervenção e assentimento. Consciente dos deveres inerentes à sua tradição e à sua história, a Espanha estreitará com os demais países da sua língua os vínculos que impõem a origem comum e o sentido de universalidade que sempre caracterizou o nosso povo.

2° — Libertação do nosso território das forças militares estrangeiras que o invadiram, assim como daqueles elementos que vieram para Espanha depois de Julho de 1936 e que, a pretexto duma colaboração técnica, intervieram ou tentam predominar em proveito próprio na vida jurídica e económica espanhola.

3° — República popular, representada por um estado vigoroso que assente sobre princípios de pura democracia e exerça a sua acção por meio de um governo dotado da plena autoridade que confere o voto dos cidadãos, emitido por meio de sufrágio universal e que seja o símbolo de um poder executivo forte, dependente em todo o caso das directivas e indicações que deu o povo espanhol.

4° — A estrutura jurídica e social da República será obra da vontade nacional, livremente exposta num plebiscito,

que se efectuará logo que termine a luta, realizado com todas as garantias, sem restrições nem limitações e garantindo todos quantos nele tomam parte contra qualquer possível represália.

5° — Respeito das liberdades regionais, sem menoscabo da unidade espanhola. Protecção e fomento do progresso da personalidade e das particularidades dos diferentes povos que constituem a Espanha, como o impõem o direito e os factos históricos, o que, longe de significar uma desagregação da nação, traduz a maior solidariedade dos elementos que a compõem.

6° — O Estado garantirá a plenitude dos direitos do cidadão na vida civil e social, a liberdade de consciência e assegurará o livre exercício das crenças e práticas religiosas.

7° — O Estado espanhol garantirá propriedade, legal e legitimamente adquirida, dentro dos limites que imponham o supremo interesse nacional e a protecção aos elementos produtores. Sem quebra da iniciativa individual, impedirá que a acumulação da riqueza possa conduzir à exploração dos cidadãos e subjugue a colectividade, desvirtuando a acção civilizadora do Estado na vida económica e social. Para este fim se promoverá desenvolvimento da pequena propriedade, se garantirá o património familiar e se estimularão todas as medidas conducentes à melhoria económica, moral e racial das classes produtoras. A propriedade e os interesses legítimos dos estrangeiros que não tiverem ajudado a rebelião serão respeitados e examinados com vista às indemnizações correspondentes os prejuízos involuntariamente causados no decurso da guerra. Para o estudo destes prejuízos, o Governo da República criou já a Comissão de Reclamações Estrangeiras.

8° — Profunda reforma agrária que liquide a velha e aristocrática propriedade semi-feudal, que, privada de sentido humano, nacional e patriótico, foi sempre o maior obstáculo para o desenvolvimento

das grandes possibilidades do país. Constituição da nova Espanha, sobre uma ampla e sólida democracia rural, dona da terra que trabalha.

9° — O Estado garantirá os direitos do trabalhador, por meio duma legislação social avançada, de acordo com as necessidades características da vida e da economia espanholas.

10° — Será a preocupação primordial e basililar do Estado o melhoramento cultural, físico e moral da raça.

11° — O Exército espanhol, ao serviço da nação, ficará livre de toda a hegemonia de tendência ou de partido e o povo verá nele o instrumento sólido para a defesa das suas liberdades e da sua independência.

12° — O Estado espanhol ratifica a doutrina constitucional de renúncia à guerra como instrumento de política nacional. A Espanha fiel aos pactos e tratados apoiará a política simbolizada pela Sociedade das Nações, que continuará sendo sempre a sua norma; reinvindica e mantém os direitos inerentes ao Estado espanhol e reclama, como potência mediterrânica, um lugar no concerto das nações, disposta sempre a colaborar no reforço da segurança colectiva e na defesa geral da paz. Para contribuir duma forma eficaz nesta política a Espanha desenvolverá e intensificará todas as suas possibilidades de defesa.

13° — Ampla amnistia para todos os espanhóis que queiram colaborar na imensa tarefa de reconstrução e engrandecimento da Espanha. Depois de uma luta cruenta como a que ensanguentou a nossa terra, na qual ressurgiram as velhas virtudes de heróica e idealismo da raça, cometerá um delito de traição aos destinos da nossa pátria aquele que não reprimir e aniquilar todas as ideias de vingança e de represália, para uma acção comum, de sacrifício e de trabalho, a que, para o futuro da Espanha, todos, como seus, filhos, somos obrigados a realizar.

## A Juventude e a mulher na guerra de Espanha

Nunca será demais exaltar o papel representado pela juventude de ambos os sexos e pela mulher na guerra de Espanha.

Na frente, combatendo, nas primeiras linhas, como na retaguarda no trabalho das brigadas de choque — para o desenvolvimento da produção industrial e agrícola — e nas milícias de cultura, lutando contra a ignorância, a juventude tem dado as mais exuberantes provas do seu valor e das suas extraordinárias faculdades de luta e de trabalho.

Para bem se avaliar a importante acção desempenhada pela juventude na actual guerra, bastaria dizer que mais de metade dos militantes das Juventudes Socialistas Unificadas são soldados e oficiais do Exército Popular espanhol de terra, mar e ar.

Quanto à mulher, durante séculos relegada a um plano secundário, pelas classes dominantes, ocupa na luta que a Espanha

trava pela sua Independência e pelo seu engrandecimento, um lugar de destaque. A mulher incorporou-se na vida política, ao lado do homem, participa na produção, trabalhando nas fábricas e nos transportes, cuida dos feridos, colabora na grande obra de educação levada a efeito pelo Governo da República, anima os combatentes com o seu carinho e entusiasmo.

Passionária, essa figura gigantesca da Espanha e de toda a Humanidade, é um símbolo que, exprime, com a maior evidência, o valor, a grandeza e o heroísmo da mulher espanhola da grande época em que vivemos.

O fascismo não vencerá!

Um país que possui uma juventude como a espanhola e onde a mulher é a primeira a indicar aos homens o cumprimento do dever na luta pela Liberdade jamais poderá ser vencido.

Glória à heroica Juventude e à Mulher da Espanha!

## Avante!

(Continuação da 1ª página)

cismo é que será inexoravelmente esmagado pelo povo.

O povo vive e viverá. O Partido Comunista carne da carne do povo trabalhador, vive igualmente e viverá, para o conduzir à vitória e para libertar enfim Portugal dos seus mais odiosos inimigos.

Povo laborioso de Portugal: o vosso jornal, o órgão da defesa dos vossos interesses, o paladino da Independência da nossa terra, está de novo, como sempre, no posto de combate. Uni-vos em volta dele. Auxiliai-o. Apoiar a sua acção. Organiza-vos, para a luta: AVANTE!

Eles não compreendem que deste batimento de sangue a Espanha ressuscitará mais pagante que nunca.

NEGRIN.



# Estou disposto a fusilar metade da Espanha para conseguir os meus objetivos

**Declaração do general Franco ao enviado especial do « News Chronicle » em Tetouan, em 17 de Julho de 1936**

## Como os fascistas «defendem» a civilização cristã

O que se passou na Espanha, o que se passa na Espanha, não é fácil de dizer. A nossa indignação não sabe por vezes exprimir-se e além disso, as cifras que possuímos sobre o terror fascista são incompletas. Grande numero de factos só poderão ser conhecidos quando a Espanha for inteiramente libertada dos generais traidores e das tropas estrangeiras. Tracemos, porém, em poucas linhas, um quadro da barbarie fascista.

Até Setembro de 1937, em Sevilla, foram cometidos 35.000 assassinios, nas aldeias e seus arredores o numero ascende a 60.000, ou seja um total de quasi 100.000 nesta só provincia. Em Maio de 1937 o numero de assassinios cometidos na provincia da Galiza ultrapassava 30.000, o mesmo podendo dizer-se da provincia de Huelva. Em Saragossa, até Setembro de 1937 contavam-se 25.000, 23.000 até Maio de 1937 na provincia de Granada, 20.000 em Badajoz, até Setembro de 1937, 18.000 em Almería até Setembro de 1937, 14.000 nas Asturias etc.

Entretanto, no Radio Sevilla, Queipo do Llano dizia : « 80 % das familias da Andaluzia estão de luto. No caminho da vitória decisiva não recuaremos ante seja o que for. Continuaremos a nossa obra enquanto haja com vida um só marxista. »

Na aldeia da provincia de Huesca, Cerro de Andecab, toda a população, à excepção de duas familias das direitas, foi fusilada. A entrada foi posta uma cruz na qual se lia : « Esta aldeia era vermelha. Hoje não existe graças a Falange. »

Citemos a horrivel carnificina praticada pelas tropas mouras em Talavera del Tajo. O hospital estava cheio de feridos e doentes desta localidade. Num dado momento entrou uma multidão de selvagens cobertos de poeira e suor e irromperam contra os feridos de baioneta calada. Os infelizes soltavam gritos desesperados vendo aproximar-se a morte. Alguns arrastavam-se apoiando-se sobre os seus membros feridos. Todos foram atravessados pelas baionetas dos « libertadores da Espanha ». Em La Tunara, arredores de La Línea. Carlos Romayal, pescador, foi preso pelos invasores. Lgaram-lhe as mãos e quebraram-lhe os braços à coronhada, fizeram fogo sobre as suas pernas e obrigaram-no a assistir à violação da sua mulher por oito marroquinos. A infeliz Isabel Laguna, depois de ter sido violada foi assassinada. O seu marido que não tinha ainda morrido, acabaram de o matar à punhalada e penduraram o seu corpo em frente à sua pobre cabana.

Alguns dos actos de terror cometidos pelo fascismo são confessados pela propria imprensa ao serviço de Franco, como « Hierro » de Bilbao que nos diz que de 12 a 17 de Dezembro 143 pessoas foram executadas por meio do garrote.

A todas estas atrocidades juntemos, como coroa de gloria de fascismo o bombardeamento de cidades abertas, a sua destruição, e o assassinio de mulheres e de crianças. De 18 de Julho de 1936 até 1 de Julho de 1938 o total dos bombardeamentos de cidades abertas efectuadas pela artilharia e pela aviação ao serviço dos rebeldes foi de 1.054. Madrid sofreu 192, Barcelona 77 e Valencia 67. É preciso acentuar que a maioria destes bombardeamentos não visavam objectivos militares mas somente provocar o terror entre a população civil.

Para podermos avaliar a horrivel mortalidade provocada por estes bombardeamentos citamos — por nos faltar o espaço para os citar todos — alguns dentre eles :

Guernica : 26-26 de Abril 1937 : 1.654 mortos, 889 feridos.

Durango : 30 de Abril 1937 : 520 mortos, 950 feridos.

Barcelona : 16, 17, 18 de Março 1938 : 834 mortos, 1.279 feridos.

Málaga : 12 de Janeiro 1937 : 300 mortos, 100 feridos.

Lerida : 2 de Novembro de 1937 : 275 mortos.

Madrid : 18 de Novembro de 1936 : 200 mortos.

Para meditemos aquelas pessoas que ainda têm um pouco de sensibilidade reproduzimos ainda esta pequena estatística : No decurso de 787 bombardeamentos foram assassinadas pela aviação Italo-alemã 10.699 crianças e feridas 15.320.

Na realidade a Civilização cristã estava ameaçada por estas crianças...

Afirmemos por actos concretos de solidariedade ao povo espanhol a repulsa que sentimos por todos estes crimes cometidos pelo fascismo internacional.

« Maldito seja o homem de poder que, na hora em que termine o conflito, não compreenda que o seu primeiro dever é obter a conciliação e a harmonia que tornam possível a vida em comum dos cidadãos. »

Dr NEGRIN.

## Contra os bombardeamentos das cidades abertas

Realizou-se em Paris, nos dias 23 e 24 de Julho, uma Conferência universal de acção para a paz e contra os bombardeamentos de cidades abertas.

Fizeram-se representar, nesta Conferência delegados de 34 paises. Representando Portugal, deram a sua adesão a esta Conferência o Comité de Frente Popular dos antifascistas residentes em França o Partido de Esquerda Republicana, o Partido Comunista português, o Socorro Vermelho português, a Federação das Juventudes Comunistas portuguesas. O Dr. Bernardino Machado, antigo Presidente da República portuguesa, nomeado pela delegação portuguesa seu Presidente, não pôde assistir, por motivo de saúde, mas exprimiu aos restantes delegados o seu maior carinho e entusiasmo pelos objectivos altamente humanitários desta Conferência.

Tomaram parte, nesta Conferência, eminentes personalidades tais como Lord Cecil, a Duquesa de Atholl, numerosos ecclesiasticos, professores, advogados etc.

Entre numerosas intervenções é interessante citar a de Monsenhor Mangold que disse :

« Vos não sereis católicos se não cumprisdes o vosso dever para estabelecer a paz, se não fizerdes tudo o que pudesdes para impedir as agressões injustas, os bombardeamentos das cidades abertas. Se Jesus disse que pediria contas por toda a palavra inutil, mais as pedirá por todas as vidas que forem sacrificadas inutilmente. »

A Conferência tomou importantes resoluções tendentes a ser tentados todos os esforços para pôr as populações civis no abrigo dos barbaros bombardeamentos e para que lhes sejam prestados todo o auxilio possível.

Touco importa onde caem as bombas o que é importante é matar os elvis.

(Declaração feita em 1º de Agosto pelos aviadores italianos prisioneiros.)